



RÁDIOS LIVRES SOROCABANAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A RÁDIO VOYAGE

Felipe Parra Alves de Oliveira¹

RESUMO: Este texto apresenta as primeiras impressões acerca das rádios livres sorocabanas. Especificamente, tenta-se realizar um estudo de caso sobre a rádio Voyage da cidade de Sorocaba com o objetivo de averiguar a razão de ser da emissora e os posicionamentos políticos de seu realizador. Nesse sentido, a pesquisa se baseia em uma entrevista realizada com o Dr. Claudio José Dias Batista, fundador da rádio livre Voyage e integrante do movimento das rádios livres sorocabanas. A descrição e discussão de sujeitos, objetos e contextos relatados na entrevista auxiliam no resgate de dados acerca da temática. Justifica-se o estudo ao constatar que há poucas informações para produzir um panorama acerca desses meios alternativos de comunicação. As resultantes mostram que o propósito da rádio Voyage estava atrelado ao direito de livre expressão por meio das ondas eletromagnéticas.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação. Rádios livres sorocabanas. Rádio Centauros 2001. Rádio Voyage.*

ABSTRACT: This text presents the first impressions about the Sorocaba's free radio stations. Specifically, it is attempted to carry out a case study about the Sorocaba's free radio called Voyage with the objective of finding out what is the purpose of this radio station and the political positions of its director. In this sense, the research is based on an interview with Dr. Claudio José Dias Batista, founder of the free radio Voyage and member of the Sorocaba's free radio movement. The description and discussion of subjects, objects and contexts reported in the interview help in the rescue of data about the subject. The study is justified in finding that there is little information to produce an overview of these alternative vehicles of communication. The results shows that the purpose of the Voyage radio was linked to the right of free expression through electromagnetic waves.

KEYWORDS: *Communication. Sorocaba's free radios. Centauros 2001 radio. Voyage radio.*

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO). E-mail: parra.profissional@gmail.com

Toquem o meu coração
façam a revolução
que está no ar
nas ondas do rádio
no submundo
repousa o repúdio
e deve despertar
(RPM, 1985)

A letra da música Rádio Pirata composta pela banda RPM retrata uma época em que os adolescentes brasileiros estavam ávidos em mudar os padrões estabelecidos pelas rádios comerciais. A revolução citada na canção provoca certos deslocamentos na maneira de se fazer rádio no começo da década de 1980. O público jovem percebeu que era possível criar uma rádio e fazer com que suas ideias propagassem pelas ondas eletromagnéticas. Nesse contexto, apareceram as primeiras rádios livres sorocabanas.

De acordo com Machado, Magri e Masagão (1986), as rádios livres consistem em uma ferramenta de experimentação de novas modalidades da democracia. Um veículo de informação capaz de tolerar a e encorajar a livre expressão das singularidades sociais. Em outras palavras, essas emissoras estimulam que o sujeito produza, difunda e troque informações, ao assumir o papel de programador, locutor ou DJ. Uma forma alternativa, de se fazer rádio. Ao subverter as lógicas de uso aplicadas a esse meio de comunicação pelas corporações, as rádios livres oferecem recursos para o sujeito falar sobre seus desejos, anseios, dificuldades, ideias, tristezas, alegrias, indignações etc. Ou seja, o rádio feito por pessoas e não por especialistas. Nas palavras do professor e pesquisador Luiz Fernando Santoro, as rádios livres materializam a ideia de

[...] um rádio que servisse aos interesses do povo, que visasse à transformação da realidade através de uma troca constante de informações entre governantes (“proprietários das ondas”) e governados, assumindo assim a categoria de um verdadeiro meio de comunicação, e não apenas de distribuição (SANTORO, 1981, p. 97).

Na década de 1970, essa iniciativa adquiriu notoriedade em alguns países da Europa. Por meio desse veículo de comunicação, era possível propagar ideias e fortalecer movimentos feministas, ecológicos etc. Geralmente atreladas a lutas políticas e/ou sociais (SANTORO, 2018), as rádios livres europeias difundiam pensamentos acerca de posicionamentos políticos via ondas eletromagnéticas.

Tal tendência chega na cidade de Sorocaba/SP no ano de 1976. As rádios eram administradas por jovens cansados das músicas que tocavam nas convencionais rádios FM. Logo, essa prática adquiriu popularidade. Em 1982, o município contava com mais de 40 rádios livres operando regularmente. Esse relevante movimento encorajou outras pessoas a se enveredarem pelas possibilidades comunicacionais que as rádios livres proporcionavam. Rádio Xilik, Ítaca, Trip, Livre-Gravidade, Tereza, Molotov e Totó Ternura são alguns exemplos de rádios livres que sofreram influência das emissoras independentes do interior de São Paulo. Nesse sentido, as rádios livres sorocabanas contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da comunicação radiofônica no Brasil (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO; 1986).

Todavia, nota-se que há poucas informações e/ou reflexões relacionadas a essas emissoras independentes de Sorocaba. Especificamente, os registros acadêmicos sobre as rádios livres sorocabanas são vagos e incompletos. Essa afirmação ganha vigor ao verificar que o professor e pesquisador Mauro José Sá Rego Costa trata alguns aspectos acerca das rádios livres sorocabanas como lendas (COSTA, 2010). Sendo assim, nota-se que, mesmo depois de trinta e seis anos do ocorrido, as informações sobre essas emissoras independentes são insuficientes para traçar um panorama desse período importante da comunicação brasileira.

Disso emerge a inquietação: qual a razão de ser das rádios livres sorocabanas? Quem eram seus realizadores e o que pensavam?

O presente texto apresenta uma leitura crítico reflexiva sobre as rádios livres sorocabanas da década de 1980. Com base nisso, a pesquisa delinea as primeiras impressões acerca da temática, ao tentar resgatar uma parte da memória comunicacional brasileira. Tal esforço se concentra em buscar relatos sobre essas emissoras independentes

do interior de São Paulo, na tentativa de averiguar as ideias dos seus realizadores e possíveis posicionamentos políticos.

Para tanto, recorre-se aos conceitos metodológicos de estudo de caso (YIN, 2015). Essa metodologia consiste na descrição de eventos interpessoais que ocorreram em um determinado período. A iniciativa pode revelar nuances socioculturais presentes no contexto estudado.

Com base em tal vertente teórica, seleciona-se o Dr. Claudio José Dias Batista, fundador da rádio livre Voyage e integrante do movimento das rádios livres sorocabanas, para relatar suas experiências. Dessa maneira, busca-se verificar qual era a razão de ser dessa emissora independente e o posicionamento político de seu realizador. Tal esforço se concentra em resgatar conceitos e pensamentos acerca da rádio Voyage. Conseqüentemente, essa ação tenta auxiliar na produção de um panorama a respeito das rádios livres sorocabanas da década de 1970 e 1980.

Aliado a isso, utiliza-se a observação, a descrição e a discussão de determinados sujeitos, objetos e respectivos contextos para tentar destacar nuances acerca da temática. Tal percurso investigativo se orienta pela entrevista realizada com o Dr. Claudio José Dias Batista. Assim, experiência e subjetividade se tornam ferramentas para dissertar sobre conceitos e características que abrangem essas emissoras de rádio independentes.

Efetuada os apontamentos iniciais, este texto se desenvolve por meio de três tópicos: 1) Conceito de rádios livres, aborda as diferenças entre as rádios livres, piratas e comunitárias, as características dessas emissoras independentes e como essas ideias se alteram com o advento da internet; 2) Contexto europeu e brasileiro, disserta sobre o desenvolvimento das rádios livres em contextos sociais, políticos e culturais divergentes 3) A rádio Voyage, o qual tenta verificar qual a razão de ser dessa rádio livre sorocabana, os pensamentos e posicionamentos políticos de seu realizador. Assim, a investigação desenvolve temas como a ideia de transformar o rádio em um sistema comunicacional que rompe com a lógica hierárquica entre emissor e receptor sugerida por Bertolt Brecht (2005), o uso popular desse meio de comunicação (SANTORO, 1981) e a subversão da subjetividade capitalística proposta por Félix Guattari (2013).

Conceitos sobre rádios livres

Para produzir pensamentos acerca das rádios livres, torna-se interessante diferenciar os conceitos de rádio pirata, comunitária e livre. Embora estejam relacionados entre si, há particularidades que distinguem os termos.

Diante disso, pode-se afirmar que as rádios piratas são, segundo Marisa Aparecida Meliani Nunes

[...] emissoras que vêem o rádio, antes de mais nada, como um veículo de comunicação altamente lucrativo. Na Inglaterra, onde surgem, elas são organizadas para combater o monopólio estatal das telecomunicações representado pela BBC - British Broadcasting Corporation (NUNES, 1995, p. 15).

A citação enfatiza que o conceito de rádio pirata possui forte interesse econômico. Outra característica é a clandestinidade de tais emissoras. Nesse período, as rádios eram montadas em barcos para funcionar fora das águas territoriais da Grã-Bretanha. Isso garantia que as rádios operassem normalmente sem sofrerem represálias do Estado. Assim, cunhou-se o termo “pirata” na década de 1950. Logo, os realizadores adquiriram a prática de erguer uma bandeira negra em seus navios. Era uma clara referência aos corsários. As iniciativas descritas auxiliaram para que essas emissoras começassem a serem conhecidas como rádios piratas.

Denomina-se rádios comunitárias as emissoras previstas na lei que tem a finalidade de se relacionar com uma determinada comunidade (SANTORO, 2018). Basicamente, a função dessas ações é proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Em outras palavras, o conceito de rádio comunitária está atrelado a ideia de uma pequena estação de rádio ser um canal de comunicação que se dedica a uma comunidade. Essas iniciativas sem fins lucrativos oferecem a oportunidade de divulgar ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais difundidos dentro da comunidade. Geralmente, as rádios comunitárias estão ligadas a associações como a

Associação Mundial de Rádios Comunitárias (Amarc²) e a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço³).

As rádios livres consistem em veículos de comunicação que estimulam a produção e difusão de informações feitas por amadores que assumem o papel de programadores, locutores ou DJ's. Uma forma alternativa e coletiva de se fazer rádio. Os custos de produção e difusão das mensagens no rádio são mínimos, pois é uma mídia relativamente simples e barata de se construir e operar. Devido a isso, o rádio pode ser encarado como um meio alternativo de comunicação por excelência (SANTORO, 1981). Essa potencialidade foi explorada pelas rádios livres para auxiliar na divulgação da cultura e dos problemas enfrentados por movimentos sociais e minorias. Ao transcender as lógicas de uso aplicadas ao meio, as rádios livres oferecem recursos para o sujeito se expressar livremente. Geralmente, tais iniciativas surgem de forma espontânea.

Como as rádios piratas, as rádios livres funcionam na ilegalidade. Muitas vezes, a divulgação desse meio alternativo de comunicação era feita por meio de pichações e cartazes. Todavia, o interesse dessas emissoras independentes não está no lucro. O princípio norteador das rádios livres é fazer com que as pessoas com diferentes perspectivas falem sobre suas ideias na rádio. A qualquer momento, o cidadão comum pode telefonar ou ir a rádio para falar sobre o que quiser (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986). A rádio livre da voz aos que estiverem interessados em falar. Desempregados, adolescentes, mendigos, donas de casa, prostitutas, trabalhadores, pessoas ligadas a movimentos sociais etc. tem o mesmo direito de se expressar na rádio. Independente do assunto, esse deve ser colocado no ar, livre de censuras ou requisitos. Nesse sentido, o alcance das transmissões é secundário. O esforço se concentra em difundir a informação local. Essa particularidade faz com que as rádios livres contestem conteúdos difundidos pelo monopólio dos meios de massa. Portanto, o rádio cumpre o trabalho de informar, a nível local. Simultaneamente, é um relevante instrumento de contrainformação e transgressão. A ferramenta que possui a capacidade de mobilizar e conscientizar até mesmo os analfabetos (SANTORO, 1981).

² <http://amarcbrazil.org/>. Acessado em: 07 ago. 2018.

³ <http://www.agenciaabraco.org/site/category/radio-comunitaria/>. Acessado em: 07 ago. 2018.

É possível destacar a periodicidade de emissão das rádios livres como uma interessante característica. Ao contrário das emissoras citadas, as rádios livres eram intermitentes. Havia emissoras que transmitiam sua programação durante horas por semana. Outras que, por estarem atreladas a lutas muito específicas, surgiam e desapareciam de acordo com a urgência em contestar leis, condições de trabalho, questões ambientais etc. A legalização do aborto, o protesto contra as usinas nucleares, os movimentos de resistência política e as greves dos proletariados são algumas causas defendidas pelas rádios livres (SANTORO, 2018). Normalmente, assim que as reivindicações fossem atendidas ou os problemas solucionados, as rádios desapareciam das ondas eletromagnéticas. Então, pode-se dizer que a descontinuidade de emissão dessas rádios livres estava intrinsecamente ligada aos momentos de crise enfrentados pela sociedade.

Feito as anotações preliminares, há a possibilidade de pensar que as rádios livres rompem com a lógica hierárquica entre emissor e receptor. O rádio ultrapassa o limite de reprodução da informação para se tornar um aparelho de comunicação da vida pública (BRECHT, 2005). Essa ruptura ocorre ao oferecer condições para pessoas comuns adquirirem uma postura ativa dentro do sistema comunicacional radiofônico. Isto é, o ouvinte passa a ser produtor sem a intervenção do monopólio dominante. Dessa maneira, o rádio se abastece de informações produzidas pelos radiouvintes. Outra forma desse processo ocorrer é a troca de conteúdos por meio dos donos de rádios livres. Na perspectiva do Dr. Claudio José Dias Batista (2018), o rádio utilizado dessa forma pode fazer o intercâmbio de mensagens e funcionar como uma espécie de telefone. Esse tipo de comunicação ultrapassa os limites de transmissão das rádios. Mesmo que a emissora tenha uma potência ínfima, a mensagem pode ser retransmitida por outras rádios. Isso gera uma rede de informação entre os realizadores que pode abranger emissoras estrangeiras. Portanto, o rádio, distante dos formatos comerciais, ganha uma eficácia distinta, incomparavelmente mais profunda e importante (BRECHT, 2005).

Eminentemente, ao aplicar essas novas lógicas ao rádio, torna-se possível refletir como esse meio de comunicação pode ser utilizado na luta por uma sociedade democrática (SANTORO, 1981). Durante a história, constata-se o papel central do rádio em conflitos e movimentos de libertação. As rádios argelinas durante a resistência do

povo contra o colonizador francês, a rádio dos mineiros bolivianos e as emissoras vietnamitas no decorrer da guerra do Vietnã são alguns exemplos do rádio utilizado a serviço do povo. Com esse propósito, as rádios livres assumem a função de ser um meio de comunicação onde o cidadão comum pode se expressar. Ao defender os interesses sociais, as rádios livres contestam o sistema de representação política e passam a questionar aspectos do cotidiano. Isto é, o sujeito passa a interpelar os formatos atuais de trabalho, consumo, lazer, cultura etc.

Na perspectiva de Guattari (2013), a sociedade está moldada dentro de uma subjetividade capitalística. Lógicas de produção e consumo são impostas por governos e instituições com a finalidade de manter o sistema capitalista em plena operação. Resumidamente, espera-se que o sujeito produza durante sua jornada de trabalho e consuma ao realizar atividades de lazer. É possível perceber que a vida contemporânea se pauta por essa ideia.

A ausência da população nas mídias de massa parece ser uma forma de fazer com que as pessoas se tornem meros receptores. Uma estratégia desenvolvida por aqueles que detêm o monopólio para que o sujeito seja passível de condicionamento ideológico (SANTORO, 1981). Isto é, por meio desse processo, tenta-se esvaziar o ser humano de princípios, ideais e valores, na expectativa de manter em voga a subjetividade dominante.

Ao dar voz a população, as rádios livres permitem que o cidadão comum critique a imposição da subjetividade capitalística. Questionar essa lógica provoca revoluções moleculares que, paulatinamente, mudam a maneira das pessoas perceberem a sociedade e sua organização. Destarte, as rádios livres são um meio alternativo de se fazer rádio que coloca uma dúvida na legitimidade do monopólio capitalista (GUATARRI, 2013, p. 122).

Atualmente, a internet supre o papel das rádios livres. Ou seja, o ambiente digital fornece subsídios para qualquer um falar aquilo que quer (BATISTA, 2018). Essa afirmação ganha vigor ao verificar a variedade de possibilidades comunicacionais que o ciberespaço oferece ao usuário-interator. Mensagens audiovisuais, imagéticas, textuais e sonoras são trocadas por todos que usufruem das tecnologias emergentes. Nesse sentido, percebe-se que, atualmente, não há necessidade de emitir mensagens pelas ondas eletromagnéticas. A tecnologia propicia formas práticas de intercâmbio de mensagens sem infringir a lei. “Dessa maneira, você escapa da contestação da rádio livre que afronta

a organização, o modelo das emissoras comerciais e as formas de concessões. Mas você não deixa de fazer rádio” (SANTORO, 2018, p. 58). Portanto, essas formas contemporâneas de produzir a linguagem radiofônica se mesclam com o conceito de rádios livres. Esse processo pode fazer com que seja ultrapassado dissertar sobre as emissoras independentes que emitem mensagens pelas ondas eletromagnéticas.

Contudo, o ambiente digital é um espaço vigiado por serviços de espionagem. A afirmação adquire relevância ao averiguar os escândalos que envolvem o governo americano. Assim, torna-se mais fácil monitorar e conter a difusão de mensagens com ideias contestatórias.

Outro ponto a ressaltar são as grandes empresas que dominam o espaço virtual. Companhias como Google, Facebook, Microsoft e Apple podem controlar o fluxo de informações da rede e, até mesmo, bloquear mensagens inconvenientes. Essa prática é adotada na maioria das redes sociais. Se a mensagem não está de acordo com as políticas da empresa, essa pode ser removida sem aviso prévio.

Com base nesses argumentos, há a probabilidade de afirmar que a internet não é um espaço democrático. Nesse sentido, qualquer mensagem que conteste o monopólio das grandes corporações ou decisões tomadas pelo governo pode ser facilmente identificada e contida.

Contexto europeu e brasileiro

Geralmente, no contexto europeu, as rádios livres estavam atreladas a luta, principalmente aos movimentos ecológicos, feministas, homossexuais, entre outros (SANTORO, 1981). Em suma, tais emissoras independentes nasciam no âmago de movimentos políticos contestatórios com o objetivo de romper o monopólio estatal das telecomunicações. Dessa forma, o rádio passava a ser um instrumento de resistência, uma forma de lutar por posicionamentos políticos e ideológicos contrários ao poder hegemônico.

As rádios livres europeias consideravam o espectro eletromagnético como propriedade coletiva e cabia à coletividade usufruir desse recurso (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986). A partir dessa ideia, iniciou-se uma experiência radiofônica totalmente diferente das rádios comerciais. Livre das amarras estatais e/ou

mercadológicas, essas emissoras independentes faziam uma gestão alternativa da informação e prol de uma sociedade democrática.

Tais iniciativas eram administradas por pessoas que não seguiam um padrão hierárquico de gerência. Nesse sentido, a diversidade de ideias substituiu a monotonia de uma rádio controlada por diretores. Esse sistema de gestão se refletia na programação dessas emissoras independentes. Havia a possibilidade ouvir música clássica, canções políticas, rock n' roll, monólogos, poesias, depoimentos, slogans de manifestações, pensamentos interiores, leituras críticas de jornais etc. Desse modo, múltiplas vozes e ideias reverberavam no espaço eletromagnético. Era possível falar em democracia nesse tipo de rádio, pois o meio oferecia a possibilidade de expressão direta de todos pelas antenas (SANTORO, 1981).

Outra peculiaridade é a arrecadação de fundos. Para se manter no ar, as rádios contavam com doações voluntárias de colaboradores e simpatizantes. As contribuições variavam de valores em dinheiro a equipamentos doados.

Com o intuito de tentar acabar com essas iniciativas alternativas, o poder hegemônico criou várias estratégias de repressão contra as rádios livres europeias. Talvez a mais popular seja o argumento de que as emissoras independentes provocam interferência nos aparelhos de navegação dos aviões durante a operação de aterrissagem. Tal conceito foi difundido amplamente pela empresa de linhas aéreas Alitalia. A estratégia produzida para manipular a opinião pública teve tanto sucesso que, ainda hoje, esse pensamento é propagado como verdade. Contudo, não se tem registros de acidentes aéreos causados por emissões radiofônicas (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986). Possivelmente, o esforço em combater esses meios de comunicação alternativos esteja ligado a questões ideológicas. Ao questionar a subjetividade capitalística imposta pelo poder hegemônico, as rádios poderiam funcionar como caixas de ressonância para movimentos políticos mais amplos (GUATTARI, 2013). Em outras palavras, as rádios livres possuem a potencialidade de fomentar, mobilizar e conscientizar desde os intelectuais até pessoas com baixa escolaridade pois, para se inteirar de um discurso, movimento ou luta, somente é necessário escutar. Nesse sentido, o ouvir acaba com as barreiras do analfabetismo e informa os cidadãos de maneira direta e imediata.

No contexto brasileiro, as motivações que movem as rádios livres são outros. Há a possibilidade de perceber que no Brasil,

[...] o interesse pelas rádios livres oscila entre jovens que tem uma rádio como forma diletante em que eles estão preocupados com a questão musical (muito mais do que a questão da informação) e rádios que estão atreladas a associação de moradores, a movimentos etc. (SANTORO, 2018, p. 57).

A citação evidencia como o conceito de rádios livre se modifica de acordo com questões culturais, sociais, políticas e econômicas. Se na Europa a iniciativa era movida por questões atreladas a luta, no Brasil o estímulo provém do prazer que as rádios livres podem oferecer a seus realizadores. Nesse sentido, as rádios livres brasileiras são uma espécie de canal radiofônico pessoal para difundir seus gostos musicais.

Outro incentivo constatado se baseia no fato de algumas emissoras independentes atreladas a comunidades possuírem um proprietário. Geralmente, essa pessoa pode ter disposição para trabalhar com questões culturais e/ou sociais. Há também a possibilidade do sujeito criar uma rádio livre para conquistar um certo prestígio entre uma determinada comunidade. De fato, tais rádios livres auxiliam uma determinada comunidade na divulgação de informações e aspectos culturais encontrados nessa coletividade. Porém, nota-se que a ação descrita busca suprir interesses pessoais. Então, percebe-se que as rádios livres no Brasil fogem da ideia europeia. Ou seja, a rádio como forma de luta. A disparidade entre contextos modifica os fundamentos iniciais que constituíam o conceito de rádios livres. Devido a isso, torna-se inadequado utilizar teorias desenvolvidas na Europa para verificar as características das emissoras independentes brasileiras.

Alguns trabalhos tentam colocar a teoria europeia de rádio livres no contexto brasileiro. Talvez, essa prática seja um esforço inútil. Uma vez que se altera os princípios das rádios livres devido a mudança de cenário, qualquer atividade que se dedique a isso pode ter um resultado frustrante.

A contrário disso, deve-se tentar perceber as características dos meios alternativos de comunicação brasileiros (SANTORO, 2018). Para tanto, pode-se optar em observar, a partir da realidade vivida por essas rádios livres, questões culturais, posicionamentos políticos dos realizadores e, principalmente, a razão de ser dessas emissoras independentes.

A rádio Voyage

Nesta parte do texto, recorre-se aos conceitos metodológicos de estudo de caso (YIN, 2015). Tal metodologia consiste em tentar verificar acontecimentos sobre um determinado tema por meio de relatos pessoais acerca do assunto.

Desse modo, utiliza-se o depoimento do Dr. Claudio José Dias Batista, fundador da rádio livre Voyage e integrante do movimento das rádios livres sorocabanas como referencial para tal estudo. Assim, pretende-se observar, descrever e discutir sujeitos, objetos e contextos que envolvem essas emissoras independentes da cidade de Sorocaba por meio de uma abordagem discursiva. Em outras palavras, espera-se que a entrevista concedida pelo Dr. Claudio José Dias Batista crie subsídios para averiguar nuances socioculturais presentes no contexto estudado.

Dito isso, torna-se necessário fazer uma breve apresentação do depoente. Natural de Itapetininga, Dr. Claudio José Dias Batista se muda para Sorocaba em 1979. Ao chegar na cidade, percebe que há duas emissoras independentes que funcionavam no município.

[...] foi trabalhoso descobrir onde eram essas rádios, mas acabei encontrando-as. Dessa maneira, cheguei até a rádio Spectro. Essa rádio ficava na região do Cerrado, no bairro Vila Santa Terezinha, em Sorocaba. Próxima dessa emissora funcionava a rádio Estrôncio 90. (BATISTA, 2018).

188

Com a ajuda dos criadores dessas emissoras, o jovem consegue um esquema eletrônico de uma rádio. Esse projeto era uma adaptação de um diagrama publicado em uma revista eletrônica. Originalmente, a publicação divulgava o esquema para se montar um microfone sem fio. Eventualmente, a revista chegou nas mãos de alguns estudantes de engenharia.

[...] o dono da rádio Alfa 1 era um estudante de engenharia elétrica. A rádio Spectro tinham dois donos. Eram dois irmãos. Um trabalhava com o pai em uma lanchonete da família e o outro também era estudante de engenharia. Outro que também estudava para se tornar engenheiro era o dono da Estrôncio 90. Esse esquema chegou até um deles (não me lembro se isso ocorreu com o dono da Alfa1 ou da Spectro). Ele entendeu que se colocasse um outro transistor nesse esquema, seria possível fazer um transmissor de rádio. O transistor publicado na revista foi substituído pelo 2n2222, que era um transistor diferente e oscilava com uma potência maior (BATISTA, 2018).

Ao estudar o projeto, percebeu-se que se substituísse alguns componentes eletrônicos da publicação, era possível fazer um esquema para um rádio caseiro. Isto é, houve uma apropriação do projeto publicado na revista. A estrutura eletrônica adaptada pelos jovens era básica, simples e de baixo custo.

A partir desse esquema eletrônico, Batista cria a rádio livre sorocabana Centauros 2001. Mais tarde o nome da emissora muda para Voyage. O funcionamento desses meios alternativos de comunicação marca o começo do movimento das rádios livres sorocabanas.

Basicamente, a programação dessas emissoras era musical. Dentro da proposta, as emissoras trabalhavam com gêneros musicais diversos. A Spectro tinha um conteúdo bem próximo da rádio comercial Jovem Pan. A Estrôncio 90 tocava rock progressivo. Já a Voyage mesclava as tendências ao longo de sua programação. Outras rádios que começaram a surgir e fizeram parte do movimento das rádios livres sorocabanas tocavam os mais variados estilos de música que iam desde bolero a sertanejo.

[...] a rádio que tocava bolero era operada por um cantor muito dedicado a essa iniciativa. Era interessante que ele emitia gêneros que eu nunca imaginava que pudesse ter em uma rádio. Funcionava na casa dele e essa rádio tocava a noite toda. Esporadicamente essa emissora também estava no ar de dia (BATISTA, 2018).

189

Ao contrário das europeias, as rádios livres sorocabanas tinham donos. Isto é, as emissoras transmitiam os gostos e ideias de seus realizadores. No caso, não se tinha o conceito de uma rádio administrada de forma coletiva e não hierárquica. O pensamento se dedicava em difundir a possibilidade de qualquer cidadão ter uma rádio. Com base nesses fatos, pode-se dizer que as rádios livres sorocabanas propagavam para as pessoas de Sorocaba uma mensagem clara: a possibilidade de qualquer ser humano se tornar um produtor de conteúdo no espaço eletromagnético.

Além disso, destaca-se o fato da rádio Voyage operar no período noturno desde sua criação. Dessa forma, a emissora era intermitente. Essa é uma característica presente na maioria das rádios livres sorocabanas. Normalmente, essas emissoras funcionavam a

noite. O motivo principal dessa predileção se concentrava no fato dos donos de rádio livres em Sorocaba trabalharem ou estudarem durante o dia.

Também havia a possibilidade de transformar as rádios livres sorocabanas em meios de comunicação de mão dupla (BRECHT, 2005). Na madrugada, os donos de rádio se comunicavam. Para isso utilizavam dois aparelhos de rádio. Um emitia a voz para o espaço eletromagnético e o outro captava a frequência da outra rádio. Assim, tinha-se dois canais de comunicação: um de emissão e outro de recepção. Para se ouvir a conversa inteira, o radiouvinte necessitava ter dois rádios, pois em uma frequência era possível ouvir um realizador falar e, em outra, havia a possibilidade de escutar a resposta do outro dono de rádio. Utilizadas dessa maneira, as rádios livres sorocabanas funcionavam como uma espécie de telefone (BATISTA, 2018). Ou seja, as rádios sorocabanas ultrapassavam o limite de reprodução musical para se converterem em canais para o intercâmbio de mensagens.

Nunes (1995, p. 16) assinala que “[...] no Brasil, o termo *pirata* costuma ser confundido com o da rádio *livre*, sendo aceito até mesmo por alguns participantes do movimento”. A citação enfatiza o emprego do termo “pirata” no contexto brasileiro. Contudo, o termo não tinha relações com as rádios piratas inglesas. Nas palavras do fundador da rádio Voyage: “[...] eu chamo essas rádios de piratas. Pirata no sentido de estar à vontade para fazer o que quiser” (BATISTA 2018). Assim, no contexto apresentado, a palavra “pirata” não tinha uma conotação pejorativa.

Tanto que uma das formas encontradas por Batista para divulgar sua rádio foi pichar os muros com os dizeres: “Voyage, 95.5 FM”. Essa iniciativa se assemelha as estratégias publicitárias adotadas pelas rádios livres europeias.

Contudo, é importante dizer que a razão de ser da rádio Voyage não se liga a lutas políticas ou sociais. Os integrantes do movimento de rádios livres sorocabanas não sabiam da existência das rádios europeias. O grupo de Sorocaba conheceu as iniciativas francesas e italianas quando os jornais começaram a comparar as rádios sorocabanas com tais emissoras.

[...] eu somente fui conhecer esse movimento depois que li as matérias que falavam sobre as rádios de Sorocaba. Os veículos de comunicação nos comparavam com emissoras estrangeiras como a rádio Tomate. Porém, para nós, isso somente ocorria aqui. Essa era nossa realidade. Historicamente não sabíamos de nada. (BATISTA, 2018).

Portanto, não se tinha um conceito revolucionário em torno das emissoras de Sorocaba. A revolução concentrava-se na ideia de poder fazer diferente do que as rádios convencionais faziam. Desse ponto de vista, nota-se que a razão de ser da Voyage salientava o direito de livre expressão por meio das ondas eletromagnéticas.

É válido ressaltar que, mesmo sem estarem ligadas a movimentos revolucionários, as rádios livres sorocabanas tinham posicionamentos políticos. O fato dessas emissoras independentes transmitirem músicas diferentes das rádios comerciais mostra uma insatisfação com o poder hegemônico vigente (MACHADO, MAGRI MASAGÃO, 1986). A transgressão da lei para propagar os gostos pessoais evidencia a opinião política dos donos dessas rádios livres sorocabanas.

Tal conceito também exprime a ideia de subversão da subjetividade capitalística (GUATTARI, 2013). Essa atitude pode ser constatada ao comparar as características das rádios livres sorocabanas com as emissoras oficiais. As rádios comerciais estavam condicionadas a modelos estabelecidos pelo monopólio. Isso fazia com que tais emissoras tivessem um estilo padronizado programação. Basicamente, o repertório musical não se alterava muito. Até mesmo a locução seguia uma determinada tendência. Na época, o estilo profissional de locução em FM parecia uma imitação do Sílvio Santos (BATISTA, 2018). Já as pessoas que faziam rádios livres em Sorocaba falavam normalmente. Eram rádios que conversavam com seus ouvintes e, conseqüentemente, criavam uma proximidade com as pessoas. Não era uma locução fabricada. Essas alterações provocam revoluções moleculares (GUATTARI, 2013) nas formas de se fazer rádio. Nesse sentido, as rádios livres sorocabanas criaram rupturas nos modelos hegemônicos de radiodifusão.

Essa prática chamou a atenção de bandas, músicos e cantores.

[...] em meados de 1983, 1984, todo show que acontecia em Sorocaba e região, eu tentava entrevistar os artistas. Normalmente, esses músicos e compositores eram muito simpáticos à ideia de rádio livre. Eles

gravavam falas para serem colocadas durante a programação, entrevistas etc. Kid Vinil, Zizi Possi, Luiz Guedes e Thomas Roth eram alguns desses artistas (BATISTA, 2018).

Dentre os músicos, o mais engajado no movimento das rádios livres era Lulu Santos. Na visão do compositor, a busca por diversidade e a fuga dos padrões estabelecidos tinham relevante importância para a música brasileira, pois os próprios artistas estavam condicionados ao formato das rádios comerciais. Se a música tivesse mais do que 3 minutos e meio, não tocava nas emissoras. Ele queria ter a liberdade de poder compor músicas que expressassem seu talento sem se preocupar com os formatos dos modelos hegemônicos (BATISTA, 2018).

As rádios livres sorocabanas adquiriram notoriedade e despertaram o interesse de veículos de comunicação de renome como a revista Veja e o jornal Folha de São Paulo (FIG 01).

28 — Terça-feira, 6 de março de 1984

Ilustrada

O arcaico e o urbano para os filhos de John Lennon

Gonzagão, o rural, e Raul Seixas, o citadino, os que mais agradaram em Águas Claras

MIGUEL DE ALMEIDA
Do nosso equipo de reportagem

LACANGA — "Hoje muitas léguas, tão distante" — era a voz melancólica de Luiz Gonzaga cruzando o céu de Águas Claras, na noite de domingo. Pouco mais de meio-noite, ele e sua sanfona tiraram a turba de preguiçoso descanço no pasto. Surgiu e logo empolgou — e empolgou-se, disse:

— Tem muito nego doído aqui. Frontão. Conquistou de ver os filhos de John Lennon. Estava com sempre: chapéu de couro atravessado — estilo copiado de Lampedusa, o conseqüente torso se inspirado em Napoleão Bonaparte (que ascendeu, cruzou) — e uma capa, tipo gibão, totalmente metálica. Palmeiro, foi gozando dos artistas que tocam sentados. Disse que Arthur Moreira Lima pediu um banquinho, como também João Gilberto ou Raul Seixas. Ele, Gonzagão, não. Aos 71 anos gostou de tocar de pé. Lacuso:

— Tem muito mecenho que quando encosta numa música não dá conta do recado — e sorria enigmáticamente, simulando que com ele a coisa ainda é diferente. Fica o enigma.

Chave de Lacanga: Raul Seixas e Luiz Gonzaga. Estranho. Não? Mas a devoção prestada aos dois é bem superior a prestada a qualquer outro artista. Parece a comunhão da massa, raro ofertório. Gonzagão surpreendeu a turba — e vice-versa. E o dele e o de Seixas são dois polos, o arcaico e o urbano, o verde e o cor cinza, em tons estereotipados. O público dança e canta todas as músicas de Gonzagão, delirando com o toque da zabumba, o repicar do triângulo, em uníssono bisam o hino "Asa Branca".

Um dia antes, no sábado, arrancaram cabides (sem prendedores, cabelo é o que não falta aqui) por Raul Seixas, o urbano. Rangiam dentes, moçim gemmas, tremiam olhos com os riffs da guitarra, com o sintetizador de um americano. Clive Stevens — era a comunhão com o eléctrico. Do primitivo ao urbano — posseio entroso, ereto. Nada demais, também.

Raul Seixas representa para esses cidadãos uma referência — boa, mas datada (para o público). Os filhos de John Lennon se prendem a uma fase determinada da carreira de Raul — aquela mesma totalmente cravada de clipes da década de 70 (tipo maluco belga). Raul indo em frente, trocando sua imagem poética, o que já aconteceu, a turba ficou na dúvida: andar ou mascar chiclete?

Gonzagão é o próprio arcaico, lindo, mas arcaico, contando histórias de sacos de burros, dando um retrato nada retocado de uma paisagem vista pela



Luiz Gonzaga em Águas Claras fez o toque do antigo, mas todo o público acendeu o moderno

etiquetas — na verdade, as hippies de Arcovalim e Marília.

A população do festival aumentou nos últimos dias. Deve beirar agora perto de 15 mil pessoas, ou nem isso, há dia, todos se divertem com um moçoquero no gibão da morte, os trapelistas irmãos Wilson e uma trupe de palhaços acunhados Alegres Comediantes. De todos, os trapelistas são os que mais padecem com o público. Os bebados adoram indagar coisas para os irmãos Wilson. Dá impressão que a turba embriada de pinga rodada é trapelista somente atrás de boa piada. Eles acenem.

Quando um trapelista pulou para o outro trapelista, alguém gritava: "Põe o mão no peito dele!" E na hora em que ele dava pinta de voltar, todos gritavam, tentando derrubar o sujeito. Gostei dessa. Claro, existem os menos criativos, como: "Homem com homem dá choque." O hipie não possui autori-

cede o espetáculo: todos aplaudiram. Eu também.

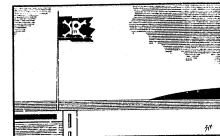
Dandos voltas entre as barracas, acontecem ou surgem dúvidas. Você memoriza com uma vendadora de babalucos hipie? Seria uma experiência ou uma profunda desordem? Fica imaginando a sujeita de noite ocupando uma dessas palcatras ou colares ou ainda brinco. Será que em algum instante ela tem um ruído, achando que o negócio lá criativo? Isso apesar de ela estar produzindo a milésima peça absolutamente igual às demais. Viver com uma autônoma hipie, morando em alguma casinha na Vila Madalena, é bom roteiro para um filme. Totalmente inspirado na realidade.

(Fragmento: diálogo de quinze minutos de dois sujeitos numa das barracas.

— Já.
— Já.
— Já.

"Piratas" assaltam as ondas de Sorocaba

LEÃO SERVA
Redator da "Folha"



Há rádios-piratas no Interior de São Paulo. A notícia está estampada como matéria de capa da revista "Crítica da Informação" (n.º 6, Fevereiro/Março) que chega às bancas logo após o Carnaval. Acostumados a ver as manifestações de contemporaneidade acontecerem na capital do Estado, não deixa de surpreender um boom de rádios piratas em Sorocaba.

E não é só lá: segundo funcionário do Dentel, entrevistado pela revista, há ocorrência de outras em várias cidades do Interior e até no Rio de Janeiro. Embora com características peculiares, os jovens "bucaceros do Interior" sorocabano parecem reproduzir algumas das conformações do movimento ocorrido na França e na Itália da segunda metade dos anos 70. Uma semelhança que não é de todo casual, embora alguns desses disc-jockeys não tenham sequer notícia da existência de emissoras como a rádio "Alice" de Milão, rádio "Tomato" de Paris (também associada a movimentos políticos libertários), ou da "Carbono 14", extinta no ano passado pelo governo socialista francês, mas que marcou época pela qualidade de sua programação musical.

Escondidas em uma industrializada cidade do Interior do Estado — onde "o desenvolvimento industrial não foi acompanhado pelo desenvolvimento das formas de lazer" e onde os aparelhos de rastreamento do Dentel não podem acompanhar de perto as emissoras (segundo a revista, no final do ano passado elas teriam chegado a 42, todas de FM, com potências e alcances variáveis) — seu número tem crescido nos últimos anos, sem chamar a atenção da imprensa.

Do monopólio à molécula

Conta o autor da matéria, Mário César Carvalho, que o sinal de largada para a criação de uma rádio local foi dado em 1974, quando foi criada a "Spectro Voyage clandestino". Até hoje a mais antiga emissora emitindo diariamente entre 30 e 22 horas, após um aviso de "par de motivos de força maior poderemos sair do ar a qualquer momento". Segundo seu criador, em meados da década passada, para montar um aparelho de transmissão eram necessários diversos metros de fios de cobre, que envolviam toda sua casa, para servir de antena.

Hoje, curiosamente, uma das maiores facilidades encontradas pelos piratas — na maioria estudantes ou amantes da eletrônica — está na miniaturização dos aparelhos de transmissão, para fins de espiagem. Não é por outra razão que o pequeno transmissor de umas duas emissoras da "Manchester Paulista", fotografado pela "Crítica da Informação" é exatamente o mesmo daquele que foi encontrado no gabinete do presidente Figueiredo, meses atrás: comparável a uma fita cassete.

Em artigo sobre "As rádios livres

"frequências cruzadas" aconteceram. Houve épocas em que era impossível ouvir-se uma FM qualquer, pirata ou oficial. O próprio designativo de "piratas" nasceu dessa abordagem ilegal, através da interferência.

A irritação da população pelas interferências das rádios livres sobre as emissões das rádios oficiais, somada à irritação da imprensa regular e dos proprietários de emissoras de rádio (que se vêem ameaçados por uma ação "ilegal"), e a ação repressiva do Dentel (cujo funcionário entrevistado por "Crítica da Informação" afirma que o órgão só concorda a existência de rádios, enquanto a ação repressiva "cabe à Polícia Federal") são os focos de resistência com que as emissoras terão que se defrontar.

Piratas estrangeiros

No caso francês, fortes organizações políticas (síndicos, grupos partidários, e especialmente organizações de migrantes de nacionalidades diversas), garantiram a relativa impunidade das emissoras. Ao mesmo tempo, nas duas fases em que elas foram mais ativas: no primeiro boom em 1977, quando das eleições municipais em todo a França, e em 1981, quando da campanha vitoriosa de Mitterrand para a Presidência, as rádios tinham um forte incentivo do Partido Socialista, que via nelas um antídoto à ação eleitoral das rádios do governo.

A ausência de organizações por trás das emissoras de Sorocaba, pode acabar sendo seu maior limite na autodefesa contra a ação do Estado. Da lista de emissoras publicadas por "Crítica da Informação" só duas são ligadas a movimentos de coloração política: "Punk 1" e "Punk 2". As outras chamam a atenção apenas pelos nomes estrangeiros: "Staying Power", "Speed 1", "Seminação", "Super Star", "Flash Back", "Big Ben" e por aí vai.

Sedução da legalidade

Outra coincidência entre os casos de Paris e Sorocaba, parece ser a sedução da "institucionalização". Semelhante: "Alguns animadores das rádios piratas de Sorocaba, de forma isolada, apresentam uma reivindicação: querem uma concessão especial do Dentel para rádios de pequeno alcance, sem a cobrança de qualquer taxa ou imposto". Curiosamente, essa era também a exigência dos grupos franceses antes da eleição de Mitterrand, atendida após a eleição do presidente socialista. Mas,

Figura 01: Trecho da matéria publicada no jornal Folha de São Paulo sobre as rádios livres sorocabanas.

Fonte: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=8703&anchor=4308324&pd=f3b728c209752c8478106a546acce838>

As entrevistas realizadas chamaram a atenção da cidade de São Paulo, pois a população paulistana não tinha ideia do que estava acontecendo em Sorocaba. Esse entusiasmo pelo tema estimulou a criação de rádios livres na capital paulista. Rádio Xilik, Vírus e Dengue são algumas iniciativas influenciadas pelas rádios livres sorocabanas.

Contudo, a rádio livre paulistana Piratas SP tinha intrínseca relação com as emissoras independentes do interior de São Paulo. Seu realizador era Mario Cesar Carvalho. Natural de Sorocaba, o jovem fazia o Curso Superior de Audiovisual na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP). Como era amigo do dono da rádio Voyage, Carvalho publicou uma matéria na revista Crítica da Informação sobre as emissoras sorocabanas. Essa foi a primeira entrevista publicada em um veículo de comunicação que abordou o assunto. A partir de então, seu interesse pelo conceito de rádios livres aumentou. Isso estimulou a vontade do jovem em ter sua própria emissora. Ao mostrar esse desejo para o realizador da rádio Voyage, Carvalho é presenteado com um transmissor de rádio. Pouco tempo depois, entrava no ar a rádio Piratas SP.

[...] um fato interessante é que quando o Mario fez o curso na ECA USP, ele morava em uma república com outros quatro amigos na cidade de São Paulo. Essa república era frequentada pelas bandas As Mercenárias, Ira!, RPM e Ultraje a Rigor. Neste período nenhuma dessas bandas era conhecida nacionalmente, mas todos estavam adquirindo notoriedade. Na ocasião, o Mario me pediu um transmissor para começar a fazer uma rádio que operaria de dentro dessa república. Então, dei o meu transmissor de 3 Watts que eu usava na rádio Voyage e, assim, eles montaram uma rádio chamada Piratas SP. O Paulo Ricardo (líder da banda RPM), sabendo da história das rádios piratas e do que estava ocorrendo, escreveu a música Rádio Pirata em homenagem a essa rádio que nós montamos em São Paulo (BATISTA, 2018).

193

Assim, a rádio passou a tocar várias músicas desses conjuntos musicais e mostrou a essas pessoas que era possível falar sobre suas ideias nas ondas eletromagnéticas. A descrição dos acontecimentos mostra como a rádio Voyage teve uma participação ativa na difusão desse meio alternativo de comunicação. Isso evidencia a importância da emissora de Sorocaba no desenvolvimento da comunicação radiofônica no Brasil.

Considerações Finais

Expuseram-se aqui as primeiras impressões acerca das rádios livres sorocabanas. Ao fazer um estudo de caso sobre a rádio Voyage, foi possível verificar que a razão de ser dessa emissora estava atrelada ao direito de livre expressão por meio das ondas eletromagnéticas. Ou seja, o propósito do meio alternativo de comunicação não defendia uma luta política ou movimento social. O pensamento se concentrava na propagação da possibilidade de qualquer um ter voz por meio de sua própria emissora de rádio.

Em relação ao posicionamento político do realizador, nota-se que, mesmo sem conexões com movimentos revolucionários, a rádio Voyage tinha um posicionamento político claro. A insatisfação com os modos de se fazer rádio impostas pelo poder hegemônico evidenciam a opinião política do Dr. Claudio José Dias Batista na época. Mais do que infringir a lei, a transgressão das normas elaboradas pelo monopólio das telecomunicações assinala revoluções moleculares provocadas por tais atitudes.

O esforço despendido auxilia na criação de um panorama das rádios livres sorocabanas da década de 1970 e 1980. Contudo, as reflexões apresentadas não têm a pretensão de ser uma pesquisa definitiva. Essa ideia ganha vigor ao averiguar que o estudo se concentra especificamente em uma rádio livre de Sorocaba. Outras nuances podem ser reveladas a partir de entrevistas futuras com outros donos de rádios livres. Nesse sentido, surge a necessidade de aprofundar os estudos acerca da temática. Em curto prazo, a ideia se concentra no esforço de ingressar em um programa de doutoramento que possibilite a realização dessa atividade.

Referências

- BATISTA, Claudio José Dias. **Entrevista**: Claudio José Dias Batista [jul. 2018]. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2018. 1 arquivo .MP3 (49'17").
- BRECHT, Bertold. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005, p.35-45.

- COSTA, Mauro Sá Rego. Rádios Livres e rádios comunitárias no Brasil. In: **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2010, p.1-13.
- GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres**: reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios livres**. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- RPM. **Rádio pirata**. Produção: Luiz Carlos Maluly. São Paulo: Epic, 1985. 1 disco sonoro (36'39"), 33 1/3 rpm, estéreo., 12 pol.
- SANTORO, Luiz Fernando. Rádios livres: o uso popular da tecnologia. In: **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 6, 1981, p. 97-103.
- _____. Rádios livres e comunitárias no Brasil e na Europa. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 54-65, jul/dez, 2018. Entrevista concedida a Felipe Parra.
- Yin. Robert K. **Estudo de caso**: planejamentos e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.